

85
1-3-136



ROMPENDO AS NUVENS

por JERÓNIMO DE ALMEIDA

A Biblioteca da Sociedade Ma-
tius Sarment

cap. 10

proximo o livro

3/6/36

ROMPENDO AS NUVENS

DO AUTOR:

Trenos — 1906. (Esgotado).

Flores de neve — 1910. (Esgotado).

Estrêlas que se apagaram... — 1912. (Esgotado).

Gloriosas Naus (Canto patriótico) — 1915.

Verde Esperança — 1923.

Dregões da Academia Vimaranense (nos anos de 1910, 1919, 1920, 1921, 1928, 1931, 1932 e 1934).

Em preparação:

O Cego da Colegiada (1 acto em verso).

Uma reliquia perdida (prosa).

Mar vermelho (sonho bíblico).

JERÓNIMO DE ALMEIDA

ROMPENDO AS NUVENS

I

NÉVOA DOIRADA

II

BRUMA DA TARDE



"TIPOGRAFIA MINERVA"
VILA NOVA DE FAMALICÃO

1936

SOCIEDADE
MARTINS SARMENTO

BIBLIOTECA

A TI, MARGARIDA,

A' TUA ALMA CASTÍSSIMA,

of. o teu

J.

C'est mon âme que tu baisera sur mes lèvres.

ALBERT SAMAIN.

I

NÉVOA DOIRADA

HORA DA POESIA

QUANDO ela chega, a hora da Poesia,
bate o meu coração tão apressado,
como se uma divina melodia
de repente o fivesse arrebatado!

A minha alma concentra-se... e, então, parte,
parte, veloz, por êsse espaço fora,
idealizando novos sonhos de arte,
ao clarão rosicler da meiga aurora!

Não sei que fôrça estranha é que me leva
através dêsse azul do firmamento,
só sei que para trás é densa treva,
e, para a frente, ideal deslumbramento!

Tonto e cego da luz em que me inundo,
já o céu me parece até pequeno
para eu o cruzar, de mundo em mundo,
e, de astro em astro, o percorrer, serêno!

•

Como a águia que, abrindo as suas asas,
no píncaro mais alto põe seu fito,
assim minha alma, ardendo em etéreas brasas,
quere transpor o seio do infinito!...

Já da altura em que estou não vejo a terra,
envolta numa névoa indefinida,
sòmente o azul sem fim, que me descerra
o horizonte feliz duma outra vida!

Um novo mundo surge, então, da sombra
em que meu coração vivia imerso,
um mundo luminoso que me assombra
e eu vou tentar reproduzir em verso!

Rasgue-se o sonho que vivi na altura,
doirem-no as cinzas dêste fogo intenso,
como um luar sublime que fulgura
prateando as ondas dêste mar imenso!

Já que após esta vida nada resta
mais que uma vaga e pálida memória,
que toda a minha glória seja esta,
se acaso existe, neste mundo, a glória!

E sem que à terra nada mais me prenda,
meu espírito irá, enfim, liberto,
à procura de quem melhor o entenda,
sob a graça de Deus, que êle vê perto!...

PROFISSÃO DE FÉ

CERTO dia, na flor dos verdes anos,
fui postar-me, sòzinho, a essa janela,
onde afastado dos rumores mundanos,
a vida era mais bela!

Ali, apenas tendo o céu defronte,
entre as mais altas copas do arvoredo,
eu escutava lacrimosa fonte
murmurar em segrêdo...

Com meus olhos perdidos na distância
que assim me separava dêste mundo,
ia aspirando a mística fragrância
do meu cismar profundo!

Tracejei numa fôlha de papel
em vagos caracteres irregulares,
como artista empunhando o seu cinzel,
meus secretos pensares!

Mercê, talvez, do ambiente que buscara,
ou da chama, talvez, que em mim ardia,
o que ali, no papel, eu tracejara,
— era uma poesia!

Era uma poesia?! É envaidecido
por instantes deixei essa janela,
onde o meu coração tinha aprendido
uma vida mais bela!

Desde então, nunca mais esta alma ardente,
sequiosa da Beleza que não morre,
deixou de procurá-la intimamente,
e para ela corre...

Abale a dor a mais oculta fibra,
cubra-me o peito o mais pesado luto,
uma voz interior dentro em mim vibra
cuja harmonia escuto!

Noites de insônia, negros sobressaltos
surgindo no caminho, como abrolhos,
fito os astros do céu, que estão mais altos,
— afastam-se dos olhos!

Como num claustro onde o silêncio habita
entre rosas que trepam nas paredes,
só a graça de Deus, que é infinita,
apaga íntimas sêdes!...

Quero, pois, neste humílmo refiro,
no tranqüilo desvão dessa janela,
realizar o ideal por que suspiro,
duma vida mais bela!



ORAÇÃO PATRIÓTICA

PORTUGAL, ninho de amores,
Portugal, berço de heróis,
onde choram trovadores,
onde cantam rouxinóis!

Portugal, lindo jardim
em que, a sonhar, se adormece,
quando um luar de marfim
no firmamento aparece!

Portugal, verde esmeralda
que a espuma das ondas beija,
que um sol refulgente escalda
e que todo o mundo inveja!

Portugal, pequena jóia
das mais raras pedrarias,
que a boa gente saloia
alegra, nas romarias!

Portugal, nobre relíquia
de nossos antepassados:
— para que Deus glorifique-a,
fem monumentos sagrados!

Portugal dos Navegantes,
Portugal das Descobertas,
dos grandes feitos brilhantes
em negras horas incertas!

Portugal, terra bemdita,
(bem alto minha alma guinde-a!)
que ao fogo santo palpita
que, outrora, o levou à India!

Portugal, que fez milagres
de assombrarem as Nações,
desde as miragens de Sagres,
às estrofes de Camões!

Portugal, pátria de Afonso,
que, nascendo em Guimarães,
no-lo entregou, num responso,
ao seio de nossas mãis!

Portugal, que deu ao mundo,
cheio de fé no destino,
o exemplo mais fecundo,
apesar de pequenino!

Portugal, que num abraço
eu quero reconquistar,
nestes versos que lhe faço,
beijos que atiro no ar...

Portugal, eu te saúdo,
Portugal, eu te bemdigo,
trazendo no meu escudo
um símbolo de amor antigo!...



MANHÃ DE SOL

MANHÃ de sol: um halo de beleza
perpassa pela terra alegremente;
estreita, num abraço, a Natureza,
e faz pulsar meu coração fremente!

Há um sôpro de vida que me embala,
e atravessando o espaço indefinido,
suavemente à minha alma fala,
ciciando, baixinho, ao meu ouvido!

E eu ponho-me a escutar a voz distante,
êsse vago murmúrio da paisagem,
que subindo da terra, aliciante,
me leva atrás de rútila miragem!...

Uma vaga neblina cobre os montes,
e soltando-se em pregas muito finas,
vai descobrindo novos horizontes
revestidos de graças peregrinas!

As laranjeiras riem nos pomares,
cantam aves no céu, ao desafio,
enquanto eu sorvo, em haustos salúfares,
os primeiros ardores do belo estio!

Todo eu estremeço de alegria
quando vejo no azul do céu sem mancha,
o sol cantar a ardente sinfonia
que nada desvirtua, nem desmancha!

Por caminhos e atalhos vagueando,
corro em busca de novas ilusões,
como o ave no azul, atrás do bando
que o vento dispersou aos repêões!

Louvado sejas, pois, ó sol amigo,
mal o teu esplendor vivo aparece!
—Fogo sagrado que, a rezar, bemdigo!
divina chama que me anima e aquece!...



CORTEJO FÚNEBRE

(No regresso do cadáver de D. Manuel II a Portugal)

EM S. Vicente de Fora,
(Panteão dos nossos Reis)
as portas se abrem agora,
não às preces dos fiéis,
mas a um fúnebre Cortejo
que subindo vem do Tejo...

Negros crepes de veludo,
franjados de prata e ouro,
tombam do alto, cobrem tudo,
num ostentoso decôro;
emquanto o longo Cortejo
vem subindo desde o Tejo...

Os sinos dobram tristonhos
no azul do céu desmaiado,
como se lúgubres sonhos
os tivessem acordado,
desde que o longo Cortejo
vem subindo desde o Tejo...

Soam, no espaço, os clarins,
rufam, ao longe, os tambores,
ecoando, em preságios ruins,
os mais sentidos clamores,
emquanto o longo Cortejo
vem subindo desde o Tejo...

Passam fardas reluzentes,
coroas de flores naturais,
entre as multidões silentes
que aumentam cada vez mais,
para assistir ao Cortejo
que vem subindo do Tejo...

De quem é aquele entêrro?
O morto, quem será êle?
— Um Rei que amou, no destêrro,
a Pátria: D. Manuel.
Deixai passar o Cortejo,
que vem subindo do Tejo...

Portugal quer abraçá-lo,
dar-lhe a última guarida,
já que não pode acordá-lo,
chamando-o, outra vez, à vida!
— O' belo e triste Cortejo
que vens subindo do Tejo!...

NATAL DIVINO

NUMAS palhinhas deitado,
num halo de luz radiosa,
muito branquinho e rosado
qual fresco botão de rosa,

Jesus nasceu. E sorrindo
o bom Menino-Jesus,
dir-se-ia estar já medindo
o pêso da sua cruz!

Maria sonha... e José,
mudo a um canto da choupana,
contempla, cheio de fé,
aquela flor sôbre-humana.

A neve cai lentamente
em regelados cristais,
cobrindo, místicamente,
os mais humildes casais...

Dorém naquele interior
paíra tamanha harmonia,
como se a aurora do Amor
raiasse naquele dia!

Entretanto uma estrelinha
lá no azul do céu profundo,
desde o cair da noitinha
ilumina todo o mundo!

Pelos atalhos dos montes
descem rústicos pastores,
entre o murmúrio das fontes
entoando seus louvores!

E dos lados do Deserto
vêm os Reis Magos também,
adorar Jesus de perto,
que nasceu em Betelem!

E enquanto que isto se passa
à volta dessa Criança,
no azul da noite esvoaça
um rosicler de esperança!...



CANÇÃO FELIZ

A vida é bela! A vida é bela!
Eu sou feliz!
Entra-me o sol pela janela,
e assim me diz:

«Homem, porque é que sofres tanto,
que te consome?
Eu sou a luz — seco-te o pranto!
Mato-te a fome!

«Não te lastimes, não te lamentos!
O que te falta?
Todas as almas serão contentes,
que o amor exalta!

«Deixa o desgosto que te amofina,
vem, meu amigo,
vem através desta campina,
passar comigo!

• Sob meus raios, quando flamejo,
tudo estremece...
Erguem-se cantos em cada brejo,
sorri a messe...

• As aves partem, deixam os ninhos,
numa vertigem;
e por azues, amplos caminhos,
eis se dirigem!

• Riem os prados, ornem as veigas
claros matizes;
unem-se os lábios... palavras meigas,
horas felizes!

• Sôbre os eirados, loiras espigas
brilham contentes,
entre as alegres, doces cantigas,
inconfidentes!

• Na dura faina que o prende à terra,
o camponês,
quanto mais lida, mais se desterra
o seu revez!

• Rubras papoilas e malmequeres
cobrem o chão!
O amor exulta! Ardem prazeres
pela amplidão!...

«Na tua aldeia, o Senhor Cura,
dormindo a sesta,
frue, da vida, toda a ventura
que o céu lhe empresta!»

Por isso, quando, abrindo o seio,
me inunda o sol,
eu canto, eu sonho, eu devaneio,
qual rouxinol!...



FILHOS ILUSTRES

EM Guimarães (diz a História)
nasceu o primeiro Rei:
Sonho de amor ou de glória?
Milagre do céu?! — Não sei.

Sei apenas (isto digo
por minha fé, Deus louvado!)
Nasce o Rei e, ao sol amigo,
Portugal abençoado!

De conquista ardendo em sêde,
guerreiro intrépido e audaz,
nos campos de S. Mamede
logo herói êle se faz!

Herói de bronze, o primeiro
que em terra lusa nasceu;
a Pátria o ergue, altaneiro,
chamando-lhe Filho seu.

Antes dêle aqui nascera
já outro varão de fama.
Santo-Pontífice êle era
e S. Dâmaso se chama.

Altas virtudes possuia
que o levaram até Roma,
onde à cadeira subia
em que S. Pedro ainda assoma!

Mais tarde nasce um Poeta
de tão delicado engenho,
que enquanto o verso faceta
lavra jóias, com empenho!

Gil Vicente, o autor dos autos,
que em horas de inspiração,
espanta os homens incautos
com facécias de truão!

Heróis, poetas e santos
aqui tiveram seu berço;
quantos mais ainda, quantos
podia cantar em verso!

Mas não quero... Não pareça
que tenho orgulho demais!
— Se a vida passa depressa,
as glórias são imortais!

Todavia, um nome ainda
para compor o diadema
que à luz do céu, doce e linda,
fulgirá no meu poema:

— Martins Sarmento, êsse vulto
que à Ciência se consagrou,
no mais fervoroso culto
que um fogo santo animou!

Dormem todos espalhados
na terra que os viu nascer;
e a Pátria vendo-os deitados,
fá-los, das campas, erguer!

Ergue-os, bem alto, em seus braços,
para escutar-lhes a voz,
que atravessando os espaços,
ecoa dentro de nós!...

A voz dos filhos! Bemdito
pregão de Deus, secular,
que partindo do Infinito,
se perde no azul do mar!

E entre as doiradas areias
e a branca espuma que as beija,
fece novas epopeias
ao sol que nelas flameja!...

VINTE ANOS DEPOIS

NÃO me leves a mal que eu lembre ainda
ao passar outra vez à tua porta,
aquela hora tão suave e linda
em que minha alma te fitou absorta!

Vinte anos se passaram! E é tamanha,
tão profunda a emoção que isso me faz,
que a maior dor que agora me acompanha
é, em vão, desejar voltar atrás!

Vinte anos o que são?! Na larga estrada
que nos conduz em célere fugida,
eu bem sei que vinte anos não é nada,
embora sejam toda a nossa vida!

Assim meu coração ao lembrar hoje
êsse ligeiro instante luminoso, •
olhando o tempo que depressa foge,
já não tem um momento de repouso!

Quis contemplar, de novo, a tua casa,
demorar-me a fitar essas janelas,
como se ainda sôbre um peito em brasa,
te debruçasses, ao chegares a elas!

Tudo me fala dêsse amor inquieto
que tão pouco durando como um sonho,
fez-me encarná-lo no supremo objecto
dum mundo difosíssimo e risonho!

É doce recordar?! Sim, talvez seja:
mas quando o coração já nada espera,
tudo quanto êle vê e que deseja
mais o entristece e mais o desespera!

E eu quis sentir, na dor que me trespassa,
toda a beleza dêsse amor passado,
e nesta solidão que hoje me abraça
ter a ilusão de que ainda sou amado!

Foi por isso que vim! Quero de perto
auscultar o ambiente que me cerca,
muito embora, ao cruzar êste deserto,
horas e horas a cismar eu perca...

Tenho ainda gravada esta paisagem
no fundo da minha alma, entre neblinas,
como se fôsse o azul duma miragem
revestida de formas peregrinas!

Mas o jardim onde assomaste um dia,
onde teu vulto entrevistei, aéreo,
êsse jardim assusta-me, dir-se-ia
transformado num vasto cemitério!

Estas pedras conhecem-me talvez,
talvez saibam ainda quem eu sou,
e parece prenderem os meus pés,
como se eu não soubesse para onde vou!

Oiço a água cair no mesmo lago,
junto ao qual, tantas vezes, conversamos,
e é como a tua voz num tom mais vago,
cicio de ave a soluçar nos ramos...

Fecho os olhos e sigo o meu caminho;
mas apenas eu dou dois passos mais,
sinto o afago dum tépido carinho
roçar-me os lábios, desfazer-se em ais!...



SOLILÓQUIO

DIGAM outros, clamem outros:
«A minha terra é formosa!»
Eu sempre direi comigo:
«Podes tu ser mais vaidosa!»

Digam outros, clamem outros:
«Minha terra, que lhe falta?!»
Eu sempre direi comigo:
«Pôs-te Deus ainda mais alta!»

Digam outros, clamem outros:
«A minha terra é um primor!»
Eu sempre direi comigo:
«Macio ninho de amor!»

Digam outros, clamem outros:
«Por ti darei minha vida!»
Eu sempre direi comigo:
«Tens no meu peito guarida!»

Digam outros, clamem outros:
«Raio de sol e ventura!»
Eu sempre direi comigo:
«Berço de oiro e sepultura!»

Digam outros, clamem outros:
«Longe de ti, que tristeza!»
Eu sempre direi comigo:
«À minha alma estás presa!»

Digam outros, clamem outros:
«De te gabar não preciso!»
Eu sempre direi comigo:
«Cantinho do Paraíso!...»



DESERTO

SE a cismar hoje me ponho
em tempos que já lá vão,
sinto envolver-me, tristonho,
o vácuo da solidão!

Sinto meus passos quebrarem
nas arestas dos caminhos,
e em vez de rosas toparem,
ferirem-se em mil espinhos!

Sim! O passado não volta!
Não volta, não, a ilusão
que um dia trouxera à sôlta,
bem à sôlta o coração!

E a alma parte-se e chora,
e chora um bem que perdeu,
tudo o que ela mais adora,
mixto da terra e do céu!

Assim os olhos volvendo
para o passado distante,
vejo o sol ir-se escondendo
lá no poente, ofegante...

E, então, a alma soergo
do negro abismo da dor,
e lá muito ao longe enxergo
a sombra dum ido amor!

Ciclam aos meus ouvidos
os ecos da sua voz,
enquanto erramos perdidos,
numa carreira veloz!

Como a ave que ao voltar
ao frouxo ninho encoberto,
não encontra em seu lugar
mais do que um ramo deserto!...



SER POETA

SER Poeta, o que é? — Asa livre no espaço,
quer subir, quer voar no azul da madrugada,
o próprio céu julgando apertar, num abraço,
tal como o noivo aperta, ao seio, a noiva amada!

Ser Poeta, o que é? Quem saberá dizê-lo,
rasgando da sua alma o misterioso véu?!

— Ser poeta é amar só, na vida, o que é belo,
desde os lírios do vale às estrelas do céu!

Ser Poeta não é fazer versos apenas...
É amar, é sofrer; e, em mudo sacrifício,
um poema compor das mais secretas penas,
no silêncio claustral que é, doutros céus, o início!

Ser Poeta é andar no mundo desterrado,
sofrendo ingratidões, injustiças, vilezas,
e erguendo, muito alto, um sonho imaculado,
um sonho que despreza as mundanas grandezas!

Ser Poeta é viver toda a vida a sonhar,
e de olhos postos sempre em rútila miragem,
como o incenso que sobe em frente dum altar,
num cântico de amor envolver a paisagem!

Ser Poeta é ocultar, no peito, a todo o instante,
a tortura, sem fim, da dor que nos consome!
É viver a sonhar num ideal distante!
É ter fé e descrer! É ser rico e ter fome!

Ser Poeta... eu não sei!—É trazer dentro de alma
um tesoiro feliz, mas que ninguém inveja!
Um tesoiro que leva a todos mais a palma,
e o loiro sol aquece e reanima e beija!...



AMORES CELESTES

JA vejo florir os prados,
já vejo montões de flores,
mas todos os meus cuidados
sois Vós, Celestes Amores!

Já vejo lírios e rosas
num dilúvio de mil côres,
mas formosa entre as formosas
só Vós, Celestes Amores!

Só Tu, ó doce Maria,
terna Mãe dos Pecadores,
porta do Céu, que nos guia
para os Celestes Amores!

Só Tu enxugas meu pranto,
suavisas minhas dores;
por isso a Ti rezo e canto,
ó meus Celestes Amores!

Nada na terra me prende,
só me atraem teus fulgores,
pois só o Céu compreende
estes Celestes Amores!

Que importa o mundo?! Que importam
seus mimos enganadores,
quando o azul meus olhos cortam,
pelos Celestes Amores?!

Avé-Maria! Bemdigo
o teu nome entre os maiores!
Deus seja sempre Contigo,
ó meus Celestes Amores!...



PÁSCOA

PÁSCOA! Páscoa florida!
Páscoa de amor!
De novo o sol a acalentar a vida,
de novo a luz a irradiar calor!

Dá-me o teu braço, meu Amor, guardada
desta inquieta dor!
E levemos nas almas, escondida,
esta canção em flor!

Eu e tu, ninguém mais. Só tu, querida,
me segues aonde eu fôr!
O mais que importa para quem duvida
e vê apenas rancor?!

Assim, nós dois, nesta incruenta lida,
volvendo os olhos em redor,
fornaremos mais fácil a descida,
neste ingrato pendor...

Ergue os olhos ao céu! O céu convida
a sofrer, com paciência, a cruz maior,
até à hora da partida,
até à hora do sol-pôr!

Coragem! Vamos, nesta luz ungida
da graça do Senhor!
Pois só ela é que dá toda a medida
da paz interior!...



DOIDA, PORQUÊ?!

ELA vende bentinhos e rosários,
ela ensina a rezar os pequeninos,
e com seus negros olhos visionários
indica, ao mundo, célicos destinos!

Ela enverga o mais pobre dos vestidos,
e num halo de luz que nos comove,
revela, nos seus gestos desprendidos,
uma voz interior que ninguém ouve!

Ela tem para todos quantos vê,
uma frase dulcíssima na bôca,
e porque a abraça a mais ardente fé,
chamam-lhe os outros, com desprêzo, «louca!»

Louca, porquê?! As almas, como a dela,
não são feitas do lôdo que nos veste,
mas dessa virgindade heróica e bela
que chega a parecer um dom celeste!

Chamem-lhe «doida» os outros. Eu não creio
haver loucura nessa luz bemdita
que lhe incendia o cristalino seio,
numa ânsia ideal e infinita!

Se ela tudo desdenha! — bens, riquezas
com que tantos se adornam orgulhosos,
fazendo gala só das suas rezas,
e só, no sacrifício, tendo gozos!

E fala-nos do Céu, e das venturas
reservadas àqueles que o mereçam,
que a vida é como as noites mais escuras,
embora claras, muita vez, pareçam!...

Ela sonha, não vive! Um mundo àparte
se desvenda a seus olhos sonhadores,
um misterioso mundo onde reparte
os seus ternos e bíblicos amores!

Mas quem não sonha neste mundo?! Apenas,
contrário vento o coração nos leva
a subir a paragens mais amenas,
ou baixar ao infernal horror da treva!

Ela procura apenas a Verdade,
como, um dia, a entreviu Maria Agreda,
ao escrever a «Mística Cidade»
em cujo amor divino se degreda!

Por isso, ao vê-la, eu fico-me cativo
da beleza dessa alma casta e boa,
onde Cristo parece redivivo,
quando, do alto da cruz, ainda perdoa!...



St.º ANTÓNIO DE LISBOA

SANTO António de Lisboa,
meu adorável Santinho,
dispensai-me êsse carinho
com que o Céu vos apregoa!

Deus concedeu-vos a graça
de serdes por excelência,
o Santo, cuja eloquência
toda a oratória ultrapassa!

Meiga voz de rouxinol,
ou doce canto de cisne,
são fumo negro que fisne
ao pé dêste claro Sol!

Ouvir-vos era escutar,
dêsses ardorosos lábios,
tudo o que os homens mais sábios
não conseguem ensinar!

Ó portento! Ó maravilha
que as almas prende e subjuga:
o vosso espírito em fuga,
mais do que as estrêlas brilha!

Vestindo o pardo burel
da Ordem dos Franciscanos,
desvendastes mil arcanos
junto dum negro cairel!...

E como o Pobre de Assis
sem descansar dia e noite,
fostes o mais duro açoite
de quem, de Cristo, maldiz!

Por isso, o mundo vos chama
o «Martelo da heresia»;
é que nessa alma fulgia
o calor que tudo inflama!

E numa rósea esperança
que no azul do céu flameja,
aclama o «Lume da Igreja»,
mais a «Arca da Aliança»!

Louvado seja o Senhor
que tantas graças vos deu,
para nos mostrar o Céu
através do vosso amor!

E tanto vos adorou,
com tão íntimo consôlo,
que poisou no vosso colo
e ali a sorrir ficou!...



PANDEIRO RÔTO

ESTRALEJAM foguetes no ar doirado,
no céu azul dêste rincão minhoto,
e na onda que passa eis-me levado,
com o aspecto triste e desolado
de quem levasse o seu pandeiro rôto...

Estamos em Agôsto; o sol escalda;
e neste hino pagão que além reboa,
julgo ver através duma esmeralda,
emmoldurado em rústica grinalda,
um dos mais belos quadros de Malhoa!

Entre nuvens de pó e entre cantigas
meu coração remoça-se de novo,
e nos olhos azues das raparigas,
de cabelos doirados como espigas,
leio a alma singela dêste povo.

Meu coração, profundamente luso,
no meio dêste arfar impenitente,
chega a julgar-se como algum intruso
que praticasse o extraordinário abuso
de também desejar estar contente!

As multidões seduzem-me quando elas
na sua rude ingenuidade calma,
são como notas rítmicas e belas,
reflectindo, nas formas mais singelas,
o pedaço melhor da nossa alma!

Amo-te, pois, ó graça acolhedora,
no volteio das danças primitivas,
sob os raios do sol que o espaço doura,
ou quando, à noite, um lindo fogo estoura,
iluminando o céu das côres mais vivas!

Amo-te, sim, ó terra portuguesa!
É cada vez que dou um passo mais,
vejo um novo motivo de beleza
acarinhar meus olhos com leveza,
prender meus braços, abafar meus ais...

Amo-te, ó branco e esguio campanário,
doce farol da minha linda aldeia,
coroando de luz êste cenário,
e envolvendo, num místico sudário,
as almas puras em que o amor se ateia!

E é neste amor à terra onde nasci,
que mais a fé no peito se acrisola,
pedindo a Deus, sempre que penso em ti,
que me deixe morrer, um dia, aqui,
sob êste céu azul que me consola!...



MOÍNHOS DE VENTO

NO céu azul da tarde,
as velas dos moinhos
são como asas brancas de gaivotas...
O sol, no ocaso, arde;
e as velas rôtas
dos vêlhos moinhos,
olhando a noite que se avizinha,
fazem rodar a mó
entre o alvo pó
da farinha...

No areal distante, à beira-mar,
as velas dos moinhos
são como asas brancas de gaivotas...
Que lindo é vê-las andar
as velas dos moinhos
já meio-rôtas!

Meus olhos presos a elas,
ficam a vê-las,
até que o sol desaparece...

Adeus! Adeus!
Amores meus!...
Anoitece.



FANTASIA NOCTURNA

OLHO a cidade, ao longe, adormecida...
Minha alma sonha (se o sonhar é vida!)
imérsa nessa cálida penumbra
da poeira dos astros, que a deslumbra...
Um profundo silêncio envolve tudo:
e eu, mudo em frente dêsse espaço mudo,
só nos meus pensamentos me concentro,
sem dizer o que sinto cá por dentro!
Olho, ao longe, a cidade adormecida,
sem o mais leve murmurar de vida,
só as fôlhas caindo ao abandôno,
como ilusões que morrem pelo Outono...
Minha alma sonha! E nesta paz enorme,
em que dir-se-ia a própria terra dorme,
olho a cidade, ao longe, adormecida,
entre as luzes que apenas lhe dão vida,
e do cárcere azul do meu destêrro,
julgo assistir, de longe, a um grande entêrro!...

.....

PAISAGEM OCULTA

ANDA sempre no fundo de meus olhos
oculta uma paisagem,
que num mixto de rosas e de abrolhos,
envolve os meus tristes olhos
na sua doce e típica folhagem...

Vejo diante de mim a Natureza
esmaltada de sol e de ventura,
mas nada atinge a beleza,
a graça etérea, a fina singeleza
que, entre sonhos de amor, a alma procura!

A Primavera chega, o Outono parte,
dias de sol ou noites de luar,
tudo vejo passar, sem que me aparte
da graça oculta, da arte
desta paisagem singular...

Julgo, às vezes, que tiro os olhos dela,
que outro quadro mais belo me seduz,
e reaparece mais bela,
qual se invisível estrêla
a matizasse de luz...

Donde vem esta graça peregrina,
que em doido frenesi,
sôbre meu peito se reclina,
me cativa, me subjuga e me domina,
senão de ti?!...



FITANDO AS ONDAS

SÔBRE os penedos,
soltando pragas,
rolam as ondas,
rolam as vagas...
É em verdes rondas,
com ares azedos,
são como adagas
sôbre os penedos!

Então, minha alma
põe-se a escutá-las,
a ouvir os gritos,
as surdas falas
com que os aflitos
peitos, sem calma,
tu, mar! abalas,
num golpe de alma!

Assim a água
nos teus escolhos,
desfeita em bruma,
cheia de abrolhos,
em negra espuma,
pranto de mágoa,
estes meus olhos
arrasa de água!...



OS REALEJOS

OIÇO-OS ainda êsses pobres realejos
que andavam a chorar de rua em rua,
espalhando os seus mórbidos harpejos
numa tristeza desolada e crua!

Ainda os vejo parar sob as janelas,
rodeados de fímidas crianças,
por sombrias betesgas e vielas,
acordando o torpor das vizinhanças!

Um vêlho reportório conhecido
já pelas cinco partes dêste mundo,
desafinava o mais rebelde ouvido,
como se fôsse um cantochão profundo!

Pobres judeus errantes, que o destino
arrojava por fojos e barrancos,
como se o mundo fôsse pequenino
para andarem assim aos solavancos!

Desde as *calles* da v elha Andaluzia
êles vinham correndo o triste fado,
a mendigar o pão de cada dia,
com amargas tristezas amassado...

   por isso que os vejo ainda a distância
envolvidos no ardor do meu afecto,
os tempos a lembrarem-me da infância
entre as coplas dum triste *Rigoletto!*

Já talvez a esta hora não existam
êsses pobres e tristes realejos,
mas ainda os meus olhos os avistam
e oi o ainda os seus fúnebres harpejos!...



REFLEXO

No tórvo céu da minha vida inquieta
brilha um astro de estranha formosura;
folda-o, às vezes, uma nuvem preta
em noite escura...

Logo vem reflectir-se no meu peito
aquela fria sombra,
como um sonho de amor, breve, desfeito
em misteriosa alfombra!

Mas apenas a nuvem se dissolve
no azul do firmamento,
a alegria, de novo, ao peito volve,
nesse momento!

— Bemdita seja a luz dos olhos teus
a iluminar estes escuros céus!...

ÚLTIMA GARGALHADA

NAQUELA noite — a última, talvez,
em que o palhaço trabalhou no circo,
envergando um macabro *palefot* —
corpo minado por fatal doença,
sorriu apenas, com a indiferença
que, mais do que alegria, inspira dó!

Mordia-o fundo e trágico revez...
Mas contemplando friamente o público,
novamente tentou, num riso amargo,
num derradeiro esforço já enfêrmo,
espantar essa dor, êsse estafermo
que o lançava num fúnebre letargo!

Tudo inútil lhe foi! E desta vez,
tentando ainda fazer rir os outros,
numa atitude singular e exangue,
olha em volta de si, e estonteado,
como um cão ao tombar envenenado,
cai também a golfar risos de sangue!...

PÔR DO SOL

Ao pôr do sol,
um rouxinol
sôlta, no espaço, uma canção dolente...
Caem as fôlhas em redor: — Outono!
E enquanto o rouxinol,
ao pôr do sol,
sôlta, no espaço, o seu cantar dolente,
minha alma sonha, em frígido abandôno,
num bem ausente...

Ah! como é triste ouvir um rouxinol,
ao pôr do sol,
cantar melancòlicamente...

Ó rouxinol! Ó rouxinol!
Não tortures minha alma, cruelmente!...

MOCIDADE E VELHICE

NINGUÉM pensa nos velhos, e, no entanto,
já foram como nós,
com mais brilho no olhar, talvez, e encanto
talvez, maior na voz!

Quando os vejo — que pena me faz vê-los
ao declinar da tarde! —
rugas na face, brancos os cabelos,
só a alma lhes arde!

Eles são, para mim, como essas ruínas
que em noites de luar,
se povoam de formas peregrinas
e nos fazem cismar!

É um passado distante que não volta,
são mil recordações,
numa azougada e buliçosa escolta
àqueles corações!

Todo um céu de fanadas esperanças,
de violados tesoiros,
de que apenas se abeiram as crianças
com seus cabelos loiros!

Ninguém pensa nos vólhos! Mas se uma hora
nós pensassemos bem,
diríamos: «Se novo sou agora,
vólho hei-de ser também...

«Vólho, se, mesmo em antes, por meu mal,
não me tocar a sorte
de morrer ainda novo, que, afinal,
sempre foi cega a Morte!»

Mocidade e velhice, o que é tudo isso
que um minuto resume,
rosa aberta em Abril, ou flor sem viço,
sem côr e sem perfume?!

O que são, afinal, o berço e o túmulo
onde as almas se chocam,
se ao despontar da vida, ou no seu cúmulo,
— os extremos se tocam?!



NOITE DE INVERNO

A noite é fria e chuvosa,
o vento sopra e regela,
no céu não brilha uma estrela,
na terra nem uma rosa!
Que noite fria e chuvosa...

Olho através das húmidas vidraças
os troncos nus das árvores que se esforcem,
como se fôsem pálidas carcassas
que, resistir ao temporal, se esforcem...

Mas o vento impertinente,
numa grande gargalhada,
sem fazer caso de nada,
quebra as árvores, contente!
Doido o vento, impertinente!

A tristeza do Inverno, quando alaga,
de lés a lés, os íngremes caminhos,
é como fina e lampejante adaga
matando sonhos, desfazendo ninhos!...

Medonho trovão reboa
no céu regelado e tórvo,
tal como o grito dum corvo
que pelo espaço ressoa,
êsse trovão que reboa...

Nisto fende-se o espaço, e um enorme raio,
num longo zigue-zague, estala e ruga,
indo apagar-se, num mortal desmaio,
emquanto, além, novo trovão estruge...

Todo o céu numa clareira,
se abre agora, incendiado,
emquanto eu corro apressado
para junto da lareira,
fugindo àquela clareira...

Santa Bárbara Virgem nos acuda,
afastando de nós a tempestade!
Só a graça divina tudo muda
quando nós lhe imploramos piedade!...

NÃO SOU NADA SEM TI!

NA tortura maior que nos surpreende,
ou no grato prazer que nos sorri,
quando ninguém, enfim, nos compreende:
— não sou nada sem ti!

Não sou nada sem ti! posso afirmá-lo
pondo a mão sôbre os santos Evangelhos,
como se fôsse o humílimo vassalo
dos teus lábios vermelhos!

Que me importa que um bárbaro impropério
se levante, na sombra, contra mim,
se minha alma só sente refrigério
adorando-te assim!

Que me importa êsse orgulho desmedido
de quem confia, apenas, em si mesmo,
se só no teu amor tenho aprendido
a perdoar a êsmo!

No meio dêste mundo traiçoeiro,
ergo os olhos ao céu, para sonhar,
e vejo lá um místico luzeiro:
— a luz do teu olhar!

Nesta luta cruel de toda a hora,
neste acerbo chocar de ingratidões,
eu sei que Deus escuta quem o implora,
atende os corações!

Toda a glória da terra, ainda a mais alta,
há-de chegar o instante que a aniquila,
pois só a graça do Senhor exalta
esta mísera argila!

Só a sua divina misericórdia
a nossa alma acalenta e reanima,
pondo sempre, da inveja e da discórdia,
o coração acima!

Não me iludem os falsos esplendores
da ventura enganosa que sorri!
Neste vale de lágrimas e dores,
— não sou nada sem ti!...



TOQUE DE ALVORADA

QUEM me acorda são os ninhos,
são as rôlas, são os cucos,
são, enfim, os passarinhos
por entre os viçosos sucos!

Quem me acorda é a toufinegra
que em cima dum castanheiro,
foda a minha casa alegre
a cantar o dia inteiro!

Quem me acorda é a cotovia
que, numa audaz grazinada,
logo ao despontar do dia,
faz o toque de alvorada!

Quem me acorda são as aves:
os melros, o rouxinol,
em meigas notas suaves,
um hino compondendo ao sol!

Quem me acorda é o vento norte
a assobiar nas janelas,
ora mais brando ou mais forte,
mal se apagam as estrêlas!

Quem me acorda é o som ridente
do sino da minha aldeia,
que no azul resplandecente
novos repiques estreia!

Quem me acorda é a fina orquestra
dos ramos, nos pinheirais,
clamando, numa palestra:
«Não durmas agora mais!»

Quem me acorda é êste horizonte,
êste silêncio, esta luz,
emquanto por sôbre a fronte
eu faço o sinal da cruz!

E é esta música sagrada,
esta bemdita harmonia,
o meu toque de alvorada,
apenas desponta o dia!...



VIAGEM SENTIMENTAL

Foi tempo, sim, que eu viajava: agora
as viagens que faço, a toda a hora,
são para os braços teus!
É um novo-mundo que, sonhando, piso,
uma graça ideal que me bafeja!
É eu que busquei, na terra, um paraíso,
nela descobro os céus
se teu lábio me beija!

Nos teus olhos que belos horizontes!
Que imprevistos encantos e delícias,
ouvindo sussurrar ocultas fontes
se tua voz me fala, entre carícias!
Teu sorriso é uma praia onde o sol bate!
É o teu amor um donairoso hiate
num lago azul, onde o luar tremula...
Que Deus nos acompanhe! E que êste affecto,
que o tempo não macula,
seja tão duradoiro e abençoado,
como um favo do Himeto,
rescendente de mel, o mais doirado!

Assim, pois, que me importa o mundo inteiro?!
Que me importam cidades e desertos,
altos montes de neve e sol cobertos,
dentro dêste sombrio cativo?!
Que me importam baías de esmeralda,
florestas virgens, rios caudalosos,
entre surdos rumores misteriosos,
onde o vento sibila e o sol escalda?!
Neste exílio de amor em que ora vivo,
não me importa, afinal, estar cativo;
— Gelos do polo, raios do equador,
ensombra-os feu amor!...



A ALMA

DIZEM que, um dia, um médico arrojado,
tentou, ao dissecar com certa calma,
um cadáver no mármore prostrado,
descobrir-lhe, entre as vísceras, a alma!

Retalhou... Retalhou... E quando, enfim,
tudo à volta de si era matéria,
gritou vitorioso: «Quanto a mim
isto de alma... é uma léria!»

Quantos assim, na vida, vêm só
esta frágil casquinha que nos veste,
como se o homem reduzido a pó,
o banquete dos vermes só lhe reste!

Como a flor que rescende um fino aroma,
embora se não veja,
só depois de partir-se-lhe a redoma,
é que nossa alma adeja...

E, então, ou sobe ou descerá, conforme
leve ou pesada fôr,
e ou no seio da terra sempre dorme,
ou entre os astros sorverá calor!...



CONFIDÊNCIA

NÃO me preguntes no que cismo, quando
à luz da tarde, o sol ampalidece:
é o meu coração que está sonhando,
e, a sonhar, adormece...

Costumo sempre, ao declinar do dia,
entre as doiradas cinzas do poente,
aspirar esta vaga nostalgia,
profunda e contundente!

Assim meu coração, todas as tardes,
quando os raios do sol no azul se extinguem,
no saltério da Dor, e sem alardes,
vibra os sons, que os ouvidos mal distinguem!

Não estranhes, por isso, se em meus olhos,
que a mais profunda nostalgia isola,
como gota de sangue unguendo abrolhos,
uma lágrima rola!...

DENTRO DO TEMPLO

EU não peço a ninguém que siga o meu exemplo se, acaso, duvidar do ardor da minha crença, pois sempre que transponho o limiar do templo volvo atrás um olhar de fria indiferença!

Nesse instante deixei ficar fora da porta, com o altivo desdém duma fé resolúta, o preconceito vão, que ainda a muitos importa, de que ali não está a Verdade Absoluta!

No entanto, a cada passo, o destino os esmaga juncando-lhes o chão de cardos e de abrolhos, e o homem, sem querer, o seu tributo paga quando já, muita vez, se fecham os seus olhos!

Duvidar é morrer antes que a morte venha os lábios regelar, viscosos de blasfémias, as entranhas rasgando, onde o frio se embrenha destruindo o calor de passadas boémias!

Descrer é injuriar o espírito divino
pelo qual se imolou o corpo de Jesus,
cuspindo-lhe no rosto um ódio viperino,
lançando-lhe na face um venenoso puz!

É pregá-lo, outra vez, no bárbaro madeiro
onde Ele distendeu os descarnados braços,
transformando-se assim num tímido cordeiro,
pronto a ser retalhado em sangrentos pedaços!

Eu não sei distinguir entre o homem e a fera,
quando a ambos os irmana o mesmo duro instinto
que os leva a vomitar, como negra cratera,
as lavas infernais dum rancor nunca extinto!...

A crença é uma janela abrindo, a quem se acerca,
o horizonte feliz onde a alma se recolhe,
para que, contemplando a luz ninguém se perca,
ante os raios do sol, quando o abismo se antolhe!

Ter crença é confiar que, para além da vida,
nesta ânsia de subir da terra para os céus,
nossa alma ficará estreitamente unida
ao poder imortal do Espírito de Deus!

Ei-lo aberto o Sacrário! A nave está deserta...
E à luz crepuscular dos místicos vitrais,
a minha alma ajoelha e em êxtase desperta,
vendo o incenso subir em longas espirais!

É enquanto sôbre o altar se abre o sacrário de ouro,
onde à alma cristã tantas bênçãos se outorgam,
julgo ouvir, a sonhar, lá no alto do côro,
entre os anjos do céu, Cecília a tocar órgão!...



OUTROS CÉUS...

EU não creio que a Morte venha e leve,
como um sôpro de vento assolador,
numa noite mais fria do que a neve,
— êste sonho de amor!

Deus que teve a suprema complacência
de fundir nossas almas numa só,
não usará, também, de violência
se, um dia, formos pó!

Na poeira da terra, já desfeita
e em cinza transformada, pode ainda
uma rosa florir, se Deus a enfeita
e a quiser tornar linda!

Assim também meu coração espera,
quando chegar o derradeiro sono,
que eu torne a ver a luz da Primavera,
depois de vir o Outono!

Esta chama divina que se ateia
há-de deixar de si o quer que seja,
porque quando uma alma se incendeia,
também os astros beija!

E assim adormecendo em teu regaço,
sob o místico olhar do mesmo Deus,
poderei acordar lá pelo espaço,
procurando outros céus...



II

BRUMA DA TARDE

RESSURREIÇÃO

ANDAM frémitos de asas pelo céu
em alegres e doidas correrias,
modulando as mais ternas melodias,
como em honra dum célico himeneu!

Numa hossana de luz, o sol rompeu
os castelos das nuvens alvadias,
que derramando longas invernias,
envolviam a terra em denso véu!

Deixou-me o tédio finalmente! E agora
volto, de novo, pelos campos fora,
guarnecidos da côr, a mais garrida!

Emquanto, ao longe, uma ilusão me espera
entre as rosas a abrir, da Primavera,
cujos espinhos me encherão a Vida!...

“ VEM ! ”

NAS dobras do teu manto azul-celeste,
julguei ver, doce Mãi Imaculada,
a minha alma voar, arrebatada,
através dêsse azul, donde vieste!

E corri e corri! Que anseio êste
ao sentir a minha alma assim levada,
sem saber para onde ia, confiada
só na côm dêsse manto que te veste!

Fechei os olhos a êsse novo trilho,
e deixei-me levar, como teu filho,
atrás de Ti, por êsses céus além...

Ouvindo apenas, num murmúrio brando,
a tua voz dizer, de quando em quando,
mais fina ainda do que a aragem: «Vem!»

ORANDO

AO chegarmos ao cimo da montanha,
ajoelhaste aos pés daquela Imagem,
assente numa gruta, onde a folhagem
em grinaldas gentis se desentranha!

Naquela rude solidão tamanha,
tu eras qual angélica miragem
beijada pela fresca e doce aragem,
sob os raios do sol que o espaço banha!

Eu fiquei-me a distância, extasiado,
contemplando teu vulto delicado,
duma beleza imaterial e calma...

Ouvindo apenas de teus lábios finos,
a tua voz cruzar os céus divinos,
e penetrar no fundo da minha alma!

DUAS RELÍQUIAS

DIZEM que as pedras falam e é bem certo:
com que orgulhosa e altissonante voz
não fala êsse Castelo a todos nós,
e essa Igrejinha que lhe fica perto!

Dum a Espada saiu que, em duro apêto,
tanta vez o aguerrido moiro pôs;
da outra a Cruz de Cristo, que transpôs
as verdes ondas dêsse mar incerto!

Berço e ara da Pátria Portuguesa,
em cuja História, cheia de grandeza,
a alma lusitana se revê:

— bemditas sejais vós, a nosso lado,
sacrossantas relíquias do Passado,
retemperando a lusitana fé!...

SERENIDADE

FELIZ daquele que alheado a tudo,
passa na vida calmo e triunfante,
na alma levando um ideal distante,
um hino ardente no seu lábio mudo!

Feliz daquele que, sem lança ou escudo,
num invisível astro confiante,
não se intimida ante o abismo hiante
que, a cada passo, o desafia, rudo!

Feliz daquele que, humildoso e forte,
a todo o instante espera ver a morte,
como se fôsse o derradeiro asilo...

E sem uma blasfêmia, um desalento,
esquece todo o humano sofrimento,
fechando os olhos a dormir tranqüilo!...

INÚTIL ANSEIO

QUANTAS vezes, por chuvas e por sóis,
não passei através desses caminhos,
ouvindo gorgear os rouxinóis
sobre os ramos dos choupos delgadinhos!

Hoje ao cruzá-los outra vez, depois
de ter sofrido os mais crueis espinhos,
já não oiço cantar os rouxinóis,
nem me espera o prazer de teus carinhos!

Vejo apenas a sombra de teus passos
afastar-se de mim, lá na distância
onde não podem já chegar meus braços...

e paro e fico extático e tristonho,
a pensar de que serve toda esta ânsia,
para que serve ter, na vida, um sonho!...

DESTINOS

AQUELE mundo que eu sonhei à parte
entre castas e puras açucenas,
onde eu e tu vivíamos apenas,
num sonho feito de beleza e arte;

aquele mundo onde vivi a amar-te
sob o luar das noites mais serenas,
embalado nas doces cantilenas
que o rouxinol, sentimental, reparte;

êsse mundo, que só a fantasia
dum peito loucamente enamorado
é capaz de tecer, entre ilusões:

transformou-se na cinza branca e fria
da mortalha que ungiu nosso noivado,
e separou os nossos corações!

MISSA DO GALO

SUBIU, agora, o Padre para o altar;
e o Menino-Jesus, todo contente,
envolto numa auréola fulgente,
tem um riso nos lábios a brincar!

A meia-noite acaba de soar
pelos montes e vales, docemente...
A neve cai... Mas, luminosamente,
sobe no céu um esplêndido luar!

E eu penso, então, naqueles pobrezinhos
que a esta hora, talvez, por maus caminhos,
vão carreando o pão do seu bernal;

talvez sonhando que Jesus, um dia,
lhes dê ainda um pouco de alegria,
quando voltar a noite de Natal!

SONHO DANTESCO

COMO Dante, sonhei descer ao Inferno,
e cruzando mil antros denegridos,
escutei os trisfíssimos gemidos
dos condenados ao suplício eterno!

Nem um vago sorriso, um olhar terno
afflorando a êsses rostos doloridos;
apenas braços nus e contorcidos
como queimados por um fogo inferno!

Já o meu coração, desesperado,
se sentia no abismo despenhado,
olhando o céu, de que ainda se recorda...

quando alguém me tocou, de leve, o ombro,
e num sorriso de piedade e assombro,
aos meus ouvidos segredou: «Acorda!...»

NOITE DE VERÃO

LONGE do mundo e perto das estrêlas,
num cantinho distante do Infinito,
vi o teu nome em letras de oiro escrito,
em letras feitas com o brilho delas!

No silêncio da noite as filomelas,
ternas irmãs dum coração aflito,
entoavam um cântico bemdito,
feito de notas puras e singelas!

Eu sonhava, num sonho todo feito
das mais castas e doces ilusões,
reclinado no arminho de teu peito...

Quando vi, lá no azul do céu distante,
uma estrêla tombar, entre clarões,
como se fôra o sonho dêsse instante!...

A OLAVO BILAC

LER os teus versos, lê-los é sentir
vibrar, em nós, a alma brasileira!
É duas pátrias numa só unir,
duas bandeiras numa só bandeira!

O passado, o presente e o porvir,
tudo a brilhar no azul duma clareira!
E através rimas de oiro, descobrir
lá nos confins do mar, uma palmeira!

E eu que sofro da funda nostalgia
de não ver essa terra que amo tanto,
cheia de sol, de luz e melodia:

— Pude sondar-lhe o misterioso encanto,
pude vê-la e abraçá-la nesse dia
em que teu génio me cobriu de espanto!...

REIS-MAGOS

ELES vinham montados em camelos
através do deserto árido e extenso,
trazendo o olhar no azul do céu suspenso
e a alma presa, em divinais anelos!

Sob os seus mantos palpitando, belos,
na viva chama dum fulgor intenso,
ia a mirra odorosa, mais o incenso,
que a terra prende ao céu em finos elos!

E enquanto lá no azul do céu profundo
uma estrêla os guiava e refulgia,
com um estranho brilho nunca visto;

como alheios a tudo o que é do mundo,
êles iam sonhando o que seria
um Rei tão pobrezinho como Cristo!...

BAIRRO ANTIGO

RUAZINHAS estreitas, tortuosas,
dum vélio bairro antigo em desalinho,
nestas pedras trigueiras adivinho
horas de amor e sonho, misteriosas!

Talvez, aqui, donzelas bem formosas,
algum dia morassem, com carinho
regando cravos, ou fiando o linho
que, em arcas de castanho, cheira a rosas!

E quando em noites de luar prateado,
minha alma vai deambulando, absorfa,
a recordar as sombras do passado:

julgo escutar no vão dalguma porta,
a guitarra dum triste namorado
a suspirar por sua noiva morta!...

AO POVERELO DE ASSIS

(No aniversário da sua morte)

○ que mais me entenece e me comove
na tua vida, ó grande franciscano,
é aquele momento sobrehumano
em que tua alma apenas o céu ouve.

É quando, sem temer que alguém reprove
renunciasses a todo o bem mundano,
rasgas teu fato lés a lés, e, ufano,
só esperas que Deus nisso te louve!

E nu, como a Verdade quando brilha
em toda a plenitude, e só vestido
da graça do Senhor, que nada encobre:

tu, um nobre fidalgo — ó maravilha! —
assim clamas ao mundo pervertido:
«Quero andar a pedir, quero ser pobre!»

VÉLHO DRAMA

QUANDO aquela mulher passou por mim
e foi postar-se, a soluçar, na praia,
oculto o rosto na grosseira saia,
fitando as vagas numa dor sem fim,

vinha a tarde caindo... Um vento ruim
batia as ondas, em que o sol desmaia
entre finas espumas de cambraia
e as nuvens dum poente carmesim!

Lá no seio das ondas, hesitante,
vinha um barco lutando nesse instante,
sob o esforço dos homens que o tripulam...

E, então, medi aquele amargo anseio
que revolver fazia êsse outro seio,
onde um caudal de mágoas se acumulam!

AMOR DE MÃI

Só vos peço, Senhor, me não privéis
tão cedo da ventura de ter Mãe,
pois não creio que exista maior bem
que obedecer às suas brandas leis!

Suas ternas palavras são anéis
que nos prendem à vida e nos retêm
escravos dêsse amor, que em si contém
o perfume dos mais gentis vergéis!

Quâsi todas as dores se suportam;
uma, porém, mais fundo nos trespassa
em que todas as fibras se nos cortam!

É quando já o filho a não abraça!
É quando os braços dela o não transportam
com o receio de que mal lhe façam!

CURIOSIDADE

QUE dirias de mim se ainda me visses?!
Se apenas um instante, face a face,
junto de ti meu coração pulsasse,
e, entre sonhos doirados, me sorrisses?!

Onde estão essas cândidas meiguices
dum prazer irreal e tão fugace,
como rosa que o vento desfolhasse,
ou beijo que me desses e fugisses?!

Que foi feito de nós, almas sem rumo,
cobertas pelo pó, a cinza e o fumo
duma tôrre ideal, desmoronada?!

Onde estás, afinal, que me não olhas,
ó meu trevo feliz de quatro fôlhas,
que o sol crestou em plena madrugada?!

MARCHA RÍTMICA

EIS-NOS juntos seguindo o mesmo trilho,
um ao lado do outro, passo a passo,
meu coração dormindo em teu regaço,
como, em bêmço de rendas, loiro filho!

De teus olhos bebendo o casto brilho,
quando a alma vacila de cansaço,
¿que seria de mim sem o teu braço,
a cujo amparo me recosto e humilho?!

Assim na dor e na alegria unidos,
ao teu amor apenas dou ouvidos,
só tua voz me prende e me retém!

Há escolhos e trevas no caminho?
Que importa!... Iremos mais devagarinho.
— Para onde tu fores irei também!

TURRIS EBURNEA

TODA a terra se abria se passavas
num angélico sôpro de harmonias:
os meus olhos fitavam-te — e sonhavas!
os meus lábios sorriam — e sorrias!

Como um anjo do céu, tu caminhavas
e uma esteira de luz entreabrias...
Se minha alma cantava — tu cantavas!
Mas se, acaso, sofria — tu sofrias!

«Senhor! (clamei, então, cheio de orgulho!)
possa através do lodo em que mergulho
usufruir a graça peregrina,

de, fugindo com ela pelo espaço,
adormecer no azul do seu regaço,
quando o luar as almas ilumina!...»

PIEDADE, SENHOR!

PIEDADE, Senhor! para os que choram
inútilmente, sem que um dia surja
fendendo as trevas dessa negra alfurja
onde todas as máguas se deploram!

Piedade, Senhor! para os que imploram,
entre as angústias que abrandar mais urja,
que uma hora de paz ainda ressurja
calando os ais que aos lábios seus afloram!

Piedade, Senhor! p'ra todos êsses
que sem colherem frutos nem benesses,
só no catre da dor é que se deitam...

E penando os seus dias acabados,
sem venturas, nem sonhos, nem pecados,
ainda novos mártírios os espreitam!

ASPIRAÇÃO

NÃO aspiro aos fulgores do Capitólio,
nem à glória imortal do Partenon,
fentem outros subir a êsse alto sólio
onde os conduz um mais egrégio dom!

Meu estro pobrezinho, basta isóle-o
êste apagado, mas sincero tom
em que descrevo o pequenino espólio
de que minha alma repercute o som!

Que toda a minha glória seja essa,
muito embora em meus versos transpareça
um desejo maior, inatingido...

O desejo de ser, talvez — que digo?! —
um coração sonhando ao modo antigo,
pelo muito que amei e que hei sofrido!

SÓ!

QUANDO tudo eram rosas nos valados
e felizes canções subindo a encosta,
eu ouvia dizer: «Dois namorados
de que o destino certamente gosta!

«Vêde como vão ambos apressados,
e nem sombra de mágoas os desgosta,
a correrem, sòzinhos, nos valados,
a subirem, cantando, pela encosta!»

Mas o Outono chegou. Foram-se as rosas...
Nossos lábios calaram-se a distância,
como fôlhas que o vento dispersou...

É entre as sombras da tarde, silenciosas,
eu sinto o coração bater com ânsia,
ao pensar como é triste ficar só!...

NUVEM DE INCENSO

COMO nuvem de incenso que se perde
entre místicos lírios côm de opala,
é tua voz ainda que me fala,
cobrindo a terra com um manto verde!

Permita Deus que a graça eu não desherde
dêste enlêvo feliz que assim me embala
e dentro em mim tão fundamente cala,
que ventura maior eu não sei que herde!

Que essa nuvem subindo pelo espaço
seja o elo apertado dum abraço
êste exílio da terra unindo aos céus...

E assim meu coração de ti ausente,
sentirá renascer continuamente
um amor que de há muito já morreu!

VENTO SUL

OuçO dizer: «Voltou a Primavera!
Olha as rosas a abrir! Não adivinhas
neste céu todo azul que já te espera,
como estão a chegar as andorinhas?!»

Não sei, porém, que mágua se apodera
de ti, ó coração, que te definhas
a pensar só na dor que te lacera,
a chorar ilusões que dantes tinhas!

Já não me importa que ela volte... Agora,
as andorinhas que eu amei outrora,
deixaram o beiral do meu telhado!

Perdem-se, em bandos, pelo azul dispersos,
como se fôssem os meus próprios versos
que um vento sul tivesse arrebatado!...

PRANTO OBSCURO

EU não choro a doçura dessa tarde
que num halo de luz, quâsi divina,
te envolvera da graça peregrina
que só no meio das estrelas arde!

Choro, sim, êsse amor que sem alarde,
numa dôce efusão que me domina,
ainda o peito meu hoje ilumina
e faz que nele a tua imagem guarde!

Choro aquele momento fugitivo
que pela vez primeira, em minha vida,
teu coração se abriu para falar-me...

É morto para ti, ainda vivo
exactamente como quem duvida
que viva apenas para recordar-me!

ELO DE OIRO

ESTES versos de amor que escrevo ainda
no silêncio ideal da nossa alcova,
são elo de oiro que só parte e finda
quando a terra me abrir a fria cova!

Como o sol da manhã, na graça infinda
que em pérolas de orvalho se renova,
assim também, divinamente linda,
para mim sempre tu serás, e nova!

Eu não chego a notar os leves danos
que em tuas faces vão causando os anos,
sempre animadas de gentis lampejos...

Se o teu olhar me diz:— Ama e confia!
O pão-nosso serás de cada dia,
e nos teus lábios cantarão meus beijos!

ÚLTIMA PÁGINA

QUANDO um livro se fecha é sempre grato
indagar de quem lera se agradou,
desde que espelha o nítido retrato
daquele que o escreveu e imaginou!

Rasgo, porém, êsse vulgar contrato
e desde já desvanecido estou
em sentir que meus versos são o trato
com o que mais minha alma impressionou!

Que um só verso vos fique na lembrança,
e dar-me-ei por feliz e compensado
do trabalho que tive em escrevê-lo...

Porque um poeta é sempre uma criança
vendo o mundo através dum céu doirado
vendo o céu através dum mundo belo!...

ÍNDICE

	Pág.
I — Névoa doirada	9
Hora de Poesia	11
Profissão de fé	13
Oração patriótica	17
Manhã de sol	21
Cortejo fúnebre	23
Natal divino	25
Canção feliz	27
Filhos ilustres	31
Vinte anos depois	35
Solilóquio	39
Deserto	41
Ser Poeta	43
Amores celestes	45
Páscoa	47
Doida, porquê?!	49
St.º António de Lisboa	53
Pandeiro rôto	57
Moínhos de vento	61
Fantasia nocturna	63
Paisagem oculta	65
Fitando as ondas	67
Os realejos	69
Reflexo	71
Última gargalhada	73
Pôr do sol	75
Mocidade e velhice	77

	Pág.
Noite de inverno	79
Não sou nada sem ti!	81
Toque de alvorada	83
Viagem sentimental	85
A alma	87
Confidência	89
Dentro do templo	91
Outros céus...	95
II — Bruma da tarde	97
Ressurreição	99
«Vem!»	100
Orando	101
Duas relíquias	102
Serenidade	103
Inútil anseio	104
Destinos	105
Missa do galo	106
Sonho dantesco	107
Noite de verão	108
A Olavo Bilac	109
Reis-Magos	110
Bairro antigo.	111
Ao Poverelo de Assis	112
Vêlho drama	113
Amor de Mãe	114
Curiosidade	115
Marcha rítmica	116
Turris eburnea	117
Piedade, Senhor!.	118
Aspiração.	119
Só!	120
Nuvem de incenso	121
Vento sul.	122
Pranto obscuro	123
Elo de ouro	124
Última página	125